

TAXA PAGA  
AUTORIZAÇÃO Nº 48  
ECT - DR - S. C.



# Blumenau em cadernos

T O M O X V ★ Janeiro e Fevereiro de 1974 ★ Nº. 1 e 2

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças  
à generosa contribuição dos seguintes  
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Industria Têxtil Companhia Hering

Artex S/A.

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Arthur Fouquet - Blumenau

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kühnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S.P.

Companhia Industrial Schlösser S/A.

# Blumenau em Cadernos

T O M O X V

Janeiro e Fevereiro de 1974

Nº 1 e 2

## Não Podemos Parar

O infausto e trágico desaparecimento do Professor José Ferreira da Silva, fundador de BLUMENAU EM CADERNOS, chocou profundamente, não só Blumenau, mas sim, todo o Estado de Santa Catarina.

As homenagens que lhe foram prestadas e as que ainda o serão, dizem da grande estima e consideração de que se fez credor.

BLUMENAU EM CADERNOS, não pode parar. Seguirá sua trajetória já que há 14 anos vem palmilhando uma estrada árdua mas gloriosa, cheia de recordações do passado de nossa gente, dos pioneiros que lançaram as primeiras sementes neste solo abençoado por Deus.

BLUMENAU EM CADERNOS continuará a ser publicado, sem alterar a finalidade para a qual foi fundada.

Resta-nos poder contar com o inestimável apoio que sempre encontramos de parte dos aficionados de nossa história.

Se este não nos faltar, prosseguiremos nossa caminhada, perpetuando o trabalho que com tanto amor e carinho, José Ferreira da Silva iniciou.

A Direção

# EM MEMÓRIA DE UM AMIGO

OSWALDO RODRIGUES CABRAL

JOSÉ FERREIRA DA SILVA

Embora José Ferreira da Silva não me fosse um desconhecido, pois já havia eu tomado contato com as primeiras obras - «O Dr. Blumenau», «Fritz Müller» e o «Padre Jacobs» - nas quais se havia revelado um pesquisador paciente e idôneo, só lhe fui apresentado anos mais tarde, por Nereu Ramos, no Palácio do Governo da Praça 15.

Uma cerimônia congregara ali, convocados pelo então Interventor do Estado, pessoas ligadas à administração e, embora eu não me recorde perfeitamente do motivo da reunião, a nossa presença, a de Ferreira e a minha prendiam-se a uma só circunstância - a de que chefiávamos ambos, no momento, os governos municipais, ele como Prefeito de Blumenau e eu o de Florianópolis, numa curta interinidade, em substituição a Mauro Ramos, que se ausentara para o Rio de Janeiro.

Lembro-me perfeitamente, isto sim, de que ao ouvir a citação do seu nome, conhecido, como disse, através das suas obras, manifestei o desejo de lhe ser apresentado, o que de imediato o satisfez o próprio Chefe do Estado.

Desde aí, nossa amizade não sofreu colapsos, ainda que, por algum tempo, enquanto ele procurava encontrar chances de prosperidade no Paraná, os nossos contatos pessoais e até mesmo epistolares tivessem rareado. Todavia, quando regressou ao Vale, dessa vez para se fixar definitivamente, reatamos as ligações epistolares enquanto se multiplicavam as nossas afinidades intelectuais.

De minha parte, nunca deixei de visitá-lo quando ia a Blumenau - e cada vez descobria um novo ângulo, um novo aspecto, uma nova faceta da sua personalidade, capaz de tornar de mim cada vez mais admirado e respeitado, como pessoa e como historiador.

Auto-didata, foi Ferreira da Silva um estudioso constante da nossa História, especializando-se e dedicando-se preferentemente à do Vale do Itajaí, cujo marco inicial se plantava no pioneirismo do Dr. Blumenau. Mas, apesar desta sua paixão pela obra, não apenas do fundador, mas também pela de Fritz Müller e de outros conquistadores da região, não era ele um ausente respeito aos outros aspectos da nossa crônica, que muito lhe deve de paciente pesquisa e de excelentes publicações.

A fundação de "Blumenau em Cadernos", cujo volume XIV

acaba de completar-se com o fascículo que deixara pronto, na composição, antes de iniciar a viagem que o roubou ao nosso convívio, é uma prova de sua operosidade constante, pois os manteve com indiscutíveis esforços e quiçá com frequentes sacrifícios, principalmente nos primeiros anos, quando teve de sustentar a tônica da sua seriedade como publicação científica sem se tornar uma leitura massuda, difícil ou destituída de atração. Pedia, colaboradores e aceitava as colaborações, selecionando-as com critério e honestidade não se cansando jamais de agradecer aos que lhe acudiam ao apêlo, como de insistir por novas participações. Da mesma forma, conseguindo da indústria e do comércio locais o patrocínio da publicação, venceu, com a lisura dos seus propósitos e com a idoneidade do seu nome, a eterna desconfiança, aliás muitas vezes justificada, dos que não são vítimas das picaretagens de certos editores de periódicos marrons

Firmou, com a sobriedade da sua vida, uma reputação que lhe garantiu receptividade, cuja prova está nos 14 anos de vida dos "CADERNOS". Patrocinar a sua publicação tornou-se um fato desejado e jamais um sacrifício publicitário.

Evidentemente, não ficavam aí, nem aí se estancavam as atividades intelectuais de Ferreira da Silva - cuja fisionomia cultural se revelou em obras de indiscutível valor, para as letras catarinenses, como para o documentário da região, da sua história e da sua vida. Cada um dos seus livros foi sempre recebido com uma festa de inteligência - e a um dos últimos lançamentos que realizou, o da História de Blumenau, pudemos, quantos ali acorremos para dele participar, sentir o prestígio merecido que o Autor desfrutava nos mais elevados escalões sociais da grande cidade do Vale. E, realizou mais, encontrou tempo para mais fazer, e bem fazer, pois, pacientemente, e acima de tudo com um senso de indiscutível responsabilidade e de inexcedível competência, como reunir na Biblioteca - que pertenceu à Prefeitura e que atualmente integra uma Fundação - na "sua biblioteca", pois foi nela que expandiu toda a sua personalidade e foi a ela que dedicou todo o seu carinho de proletário intelectual, a mais completa coleção de obras de autores catarinenses e de autores que trataram de Santa Catarina em suas obras, coleção que outra não existe igual no Estado, enriquecida por muitos manuscritos e documentos raros, obras não só escritas em língua nacional como em outros idiomas, principalmente em alemão, que ele aprendeu para poder ler e traduzir o que mais importante nelas encontrava.

Eleito, com justiça, para o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e para a Academia Catarinense de Letras, firmados em trabalhos que o tornaram credor de ambos os títulos, não foi Ferreira da Silva apenas um membro "honorário", recebendo-os como um merecido tributo, talvez um tanto tardio para quem por tantos anos trabalhava a seara das letras, mas tornou-se um elemento efetivo, a cujas sessões, apesar dos seus setentas e cinco janeiros bem vividos e quiçá muito sofridos,

não tornou rara a sua presença, vindo de Blumenau e a ela regressando em horas tardias da noite, para participar tanto das sessões solenes como das ordinárias. Aceitara, com as honras e dignidades, os onus e as responsabilidades sociais, tornando-se um exemplo para muitos, como eu mesmo, que não faço da assiduidade uma das minhas virtudes acadêmicas, sem ter razões sequer de saúde, como alguns respeitáveis confrades, para justificar as ausências...

Não bastassem estas qualidades de homem de letras, de intellectual responsável, de historiador probo, Ferreira da Silva, como figura humana era um fora de série, como hoje se costuma dizer, extraordinariamente estimável. Não se lhe pedia uma informação que ele não se afanasse em fornecê-la da maneira mais completa que lhe era possível; não se lhe pedia uma opinião, que ele não a externasse com sinceridade, embora com simplicidade e com a modéstia que foram o apanágio da sua autoridade. Neste como em muitos pontos a sua afinidade espiritual com Carlos da Costa Pereira, um outro grande historiador, um conteúdo de capacidade, de honestidade e de competência num oceano de modéstia, a sua afinidade espiritual, dizia eu foi a mais completa possível tornando-os seres humanos talhados num mesmo e invejável padrão e feitio. Também, como ele, Ferreira da Silva gostava de honrar os amigos, de recebê-los e de sentá-los à sua mesa e conversar alegremente sobre os assuntos de comum preferência. Gostava de ser útil, de ser prestativo, de dar e de «dar-se», e se algumas vezes lhe ouvi alguns desalentos, nunca o surpreendi em maledicências.

Um mes antes da sua partida da vida presente, compartilhei, à sua mesa, do pão da sua amizade e do sal da sua hospitalidade, sentindo-lhe a autenticidade da estima. Depois, foram apenas alguns contactos telefônicas, sobre assuntos históricos de mútuo interesse. Infelizmente, o último recado de Boas-Festas, transmitido momentos antes de embarcar para a viagem de que não voltaria com vida, não o recebi, ausente da Capital, quando ele "Discara" para avisar a remessa de uma lembrança natalina, que aliás já havia chegado. Também, não recebeu ele o meu telegrama, dizendo-lhe que as minhas pobres preces acompanhavam o seu sofrimento, implorando pela sua vida. Nem ouviu as palavras de uma desalinhada despedida com que quebrei o silencioso recolhimento do que Blumenau possui de mais socialmente representativo, à beira do seu túmulo, sob a garoa macia que era a discreta vazão do reprimido pranto da sua cidade bem amada, que perdera o seu amigo de todas as horas e o historiador de tôda a sua vida: é que os seus passos já se haviam apagado aqui, tornando o caminho da Eternidade.



**A** lei nº 709, de 17 de abril de 1874 autorizou a criação de tres ou mais aldeamentos para a civilização dos bugres, um em São Francisco, outro em Joinville e um terceiro em Itajaí. Esse dispostiivo legal nunca foi concretizado.

## Preito à Lembrança de um Amigo

GUSTAVO NEVES

A morte de José Ferreira da Silva, dez dias após o acidente que o levara a internar-se num hospital de Curitiba, não foi propriamente surpresa para os que lhe acompanhavam os sofrimentos, cujo desfêcho, todos o previam, seria fatal. Todavia, o profundo pesar que tomou de assalto a alma catarinense — e particularmente a dos círculos de cultura do Estado — perdurará inextinguível, tal a enormidade da lacuna que se abriu nos setores literários de Santa Catarina, tanto quato se alargou particularmente na comunidade Blumenauense, onde Ferreira da Silva se tinha fixado, desde havia longos anos, penetrado de sincera admiração e simpatias pelas populações do Vale do Itajaí.

A Blumenau dedicou ele a maior parte de suas atividades de pesquisador e historiador. Entre as funções públicas que exerceu, a de Prefeito Municipal de Blumenau, lhe permitiu concretizar na ação administrativa o seu ideal de serviços áquela região. Jornalista, fez jornal sempre sob a compenação das graves responsabilidades do que escreveria, sobrepondo a todos os interesses e razões as do idealismo e as da sua ilibada consciência moral, criada, dir-se-ia, para as tarefas do escritor que êle viria a ser — e dos mais vitoriosos de seu tempo e meio.

Nos seus «Cadernos de Blumenau» reunia periodicamente o resultado de suas buscas no passado blumenauense e promovia,

assim, o fortalecimento dos laços tradicionais que vinculam às nobres realização dos tempos idos, em Bulmenau, os sentimentos de solidariedade que têm feito a admirável evolução de todo o rico Vale, em que se integra aquele Município.

É claro que não pretendo aqui mencionar em pormenores a influência pessoal de José Ferreira da Silva na obra do progresso político, social e cultural de Blumenau. Não pretendo, nesta coluna, mais do que render modesto preito à lembrança da velha e sólida amizade que nos ligava e que o trazia frequentemente a visitar-me a casa, nos dias de reuniões da Academia Catarinense de Letras, a que ambos comparecíamos.

É autêntico o seu mérito de escritor polido e correto e que todos apreciamos, nas duas dezenas de volumes que deixou à guisa de esplêndido marco de sua passagem pela nossa história literária. Desde «O Padre Jacobs», seu primeiro trabalho, até a sua recente «História de Blumenau» — e através de longa lista de seus lançamentos autorais — Ferreira da Silva se revelou sempre o escrupuloso anotador de fatos e recuperador de vultos e valores históricos, que a sua aguda visão de pesquisador ia buscar, esquecidos ou esmaecidos, nas sombras do passado.

A reconstituição da História de Blumenau desde suas origens, é obra que representa por si só um

monumento à verdadeira formação colonial de determinada região catarinense. A sua versão romântica de Anita Garibaldi, a despeito do caráter de ficção que lhe esboça o entrecho, não atriçoa os processos do historiador, que salienta o perfil da heroína com louvável preocupação de exaltá-la.

Mas José Ferreira da Silva morreu, quando ainda muito nos prometiam o seu talento e a sua erudição. A cadeira nº. 4 da Aca-

demia Catarinense de Letras e a que ocupava também no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina estão vagas. Exibem assim desocupadas a imensa lacuna que um grande espírito, alado aos céus, deixou para motivar a enorme saudade que deixou aos amigos e companheiros, que ficamos...

- «Prosa de Domingo», transcrição do jornal «O ESTADO», de Florianópolis (SC), edição de 6 de janeiro de 1974, página 4.

## Prof. José Ferreira da Silva

Vítima de acidente rodoviário sofrido na noite do dia 22 de dezembro, na rodovia BR-277, quando o Volks em que viajava foi abalroado por um caminhão FNM, o professor José Ferreira da Silva lutou durante 10 dias contra a morte, internado na sala de terapia do hospital Cajuru, em Curitiba. Logo após o acidente, quando sofreu a primeira intervenção cirúrgica, entrou em estado de coma e até sua morte permaneceu inconsciente. Morreu às 6,30 horas de domingo, assistido pela esposa, Dona Anita e pelo seus cinco filhos. De Curitiba, seu corpo foi trasladado de avião até Navegantes, chegando a Blumenau às 15h30 minutos.

Em câmara ardente, foi velado no salão nobre da Prefeitura Municipal, e às 17h30 minutos, depois de cumpridas as cerimônias religiosas dirigidas pelo vigário da paróquia de São Paulo Apóstolo, Frei Bernardo Oeschler, foi conduzido numa viatura do Corpo de Bombeiros ao Cemitério São José, onde foi sepultado. Milhares de pessoas de todas as partes do estado acompanharam o cortejo, que seguiu pela Alameda Duque de Caxias, Praça Mascarenhas de Moraes e rua 7 de Setembro.

No cemitério, José Ferreira da Silva recebeu as homenagens da Academia Catarinense de Letras, da qual era membro, da Sociedade Dramática Musical Carlos Gomes e da Prefeitura Municipal de Blumenau.

### SUA VIDA

O professor e historiador José Ferreira da Silva morreu aos 77 anos de idade, deixando uma vasta folha de serviços prestados as comunidades em que serviu ao longo de sua vida. Natural de Tijucas, on-

de nasceu em 16 de Janeiro de 1897, era casado com Ana Ferreira da Silva e deixa cinco filhos, Êrico, Zenaide, Zélia, Luís e Ana Maria.

Aos dois anos de idade passou a residir em Florianópolis, onde frequentou posteriormente a escola primária. Também cursou a escola paroquial de Santo Amaro do Cubatão (hoje da Imperatriz), sob a regência do professor Sebastião de Oliveira Dias. Posteriormente, fez o secundário no Ginásio Catarinense e no Colégio São José, de Pareci, no Rio Grande do Sul. Já no curso colegial colaborava na revista infantil de Petrópolis, «O Beija-Flor».

Em Canoinhas, o professor José Ferreira da Silva, iniciou suas atividades no magistério.

Tendo prestado exames para professor perante o então diretor geral de Instrução, o escritor, teatrólogo e autor da letra do hino de Santa Catarina, Horácio Nunes Pires, Ferreira da Silva, foi nomeado regente da escola primária de Canoinhas, onde permaneceu até 1919.

Ali também foi tabelião interino.

Transferido em 1919 para Bom Retiro, hoje Luzerna, exerceu ali o magistério até o ano seguinte, quando foi removido, a pedido, para o município de Blumenau, onde dirigiu, durante meses, a escola subvencionada de Arapongas, no atual município de Indaial.

Em Canoinhas, trabalhou na imprensa colaborando no jornal «Timoneiro do Norte», com artigos sobre a história do município e do movimento dos Fanáticos, que mal havia terminado. Em 1920, foi aprovado em concurso para Escrivão de Paz e Tabelião do então 7º distrito de Blumenau, hoje município de Rodeio, onde permaneceu por quatro anos consecutivos. Em Rodeio, apesar do meio ainda pouco desenvolvido, fundou o semanário «O Escudo», que dirigiu até 1924.

Nesse ano, foi transferido para a sede do município, como titular do cartório do Crime, Civil e Comercial, tendo como juiz de direito o bacharel Amadeu Felipe da Luz, de quem foi grande amigo e colaborador.

Em 1926, fundou com Otaviano Ramos, chefe da estação postal telegráfica e poeta, o jornal «A Cidade». Passou então, a desenvolver intensa atividade intelectual, publicando contos, crônica e comentários e mais críticas esparsas por vários jornais e revistas. Deu a publicidade diversos estudos históricos, biografias traduções do alemão e do italiano, idiomas que dominava com relativa segurança.

Deixando o cargo de serventuário de Justiça, montou escritório de advocacia, como solicitador depois de concurso prestado perante o Tribunal de Justiça do Estado, associando-se ao Desembargador aposentado Pedro Silva e ao advogado provisionado Max Mayr.

Ingressando na política, foi candidato ao conselho Municipal pouco antes da Revolução de 1930. No ano seguinte, foi nomeado Inspetor Federal do Ensino Secundário, tendo exercido estas funções no ginásio Santo Antônio de Blumenau, no ginásio Bom Jesus, de Joinville, no ginásio Lagunense, de Laguna e no ginásio Barão de Antonina, de Mafra, encaminhando os processos de reconhecimentos desses educandários.

Já havia dado à publicidade vários trabalhos históricos e fundado outros jornais, quando, em 1935, foi eleito para vereador e presidente da Câmara Municipal, cargo que exerceu até janeiro de 1938. Nesse mes foi nomeado prefeito de Blumenau. Permaneceu no cargo até maio de 1942. Deve-se à sua administração, entre outras obras a construção do prédio do Forum e da Prefeitura (em parte destruído pelo incêndio de 1958); a canalização do ribeirão Bom Retiro e conseqüente abertura da atual Rua Nereu Ramos (entre a rua XV de novembro e 7 de Setembro); a Escola Agrícola Municipal; o campo de aviação de Itoupava Central; a abertura da Rua Presidente Getúlio Vargas; o «Museu Fritz Müller»; o matadouro municipal de Itoupava Seca; o serviço de abastecimento de água potável; o Grupo Escolar «Machado de Assis» e mais de 20 escolas isoladas, o prédio da intendência de Rio do Testo (atual município de Pomerode); a estação meteorológica e vários outros melhoramentos.

Como procurador da «Aliança da Bahia», grande organização securitária e de capitalização. Ferreira da Silva permaneceu vários anos fora de Blumenau, residindo no Rio de Janeiro e Curitiba, não tendo, entretanto, perdido contato com Blumenau, nem com a sua atividade intelectual.

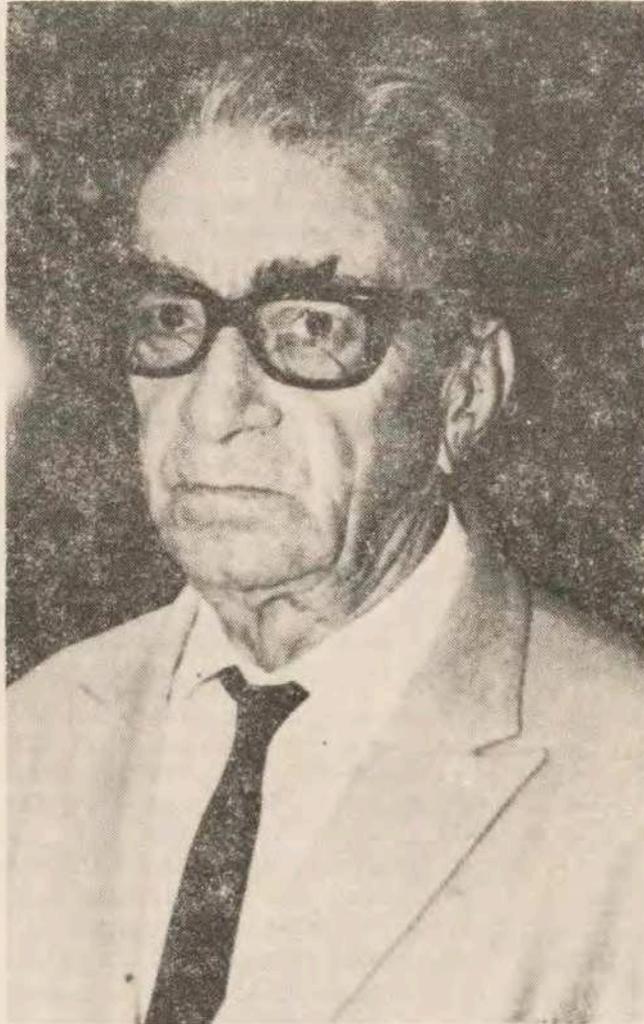
Mesmo residindo em Curitiba, fundou o mensário «Blumenau em Cadernos», que vinha dirigindo até a data de seu falecimento e que, dado o extraordinário desenvolvimento que atingiu e o prestígio que conquistou nos meios culturais do país e mesmo do exterior, constituiu-se, hoje, no maior repositório histórico e regional de Santa Catarina. Já está no seu 14º ano de publicação.

Voltando a Blumenau, em 1962, Ferreira da Silva foi convidado pelo então prefeito Hercílio Deeke, para dirigir a Biblioteca Pública «Dr. Fritz Müller», que aquele blumenuense havia oficializado por lei.

A Biblioteca contava, então, cerca de 3.000 volumes.

Nesse meio tempo, a Câmara Municipal, reconhecendo os bons serviços prestados por Ferreira da Silva a Blumenau, concedeu-lhe o título de Cidadão Blumenauense.

Assumindo a direção da Biblioteca, prestigiado pelo prefeito que construiu o novo prédio, Ferreira da Silva imprimiu tal ritmo de desenvolvimento a esse Departamento Cultural que a Biblioteca Dr. Fritz Müller é hoje, com um acervo de cerca de 50 mil volumes, a maior do Es-



tado. Os prefeitos que sucederam a Hercílio Deeke na administração municipal também lhe deram todo apoio, incentivo que ele dotou a biblioteca de encadernação, tipografia, seção Braille, discoteca e outros setores indispensáveis ao grau de desenvolvimento que a Biblioteca atingiu.

O governo da República Federal da Alemanha, reconhecendo os serviços prestados e o trabalho intelectual do professor Ferreira em prol do estreitamento, cada vez maior, das relações entre o nosso e aquele país, não só o convidou para uma visita a Alemanha, como conferiu-lhe, por decreto de 15 de abril de 1970, a comenda da «Ordem do Mérito», no grau de Grande Oficial. As insígnias da ordem foram-lhe entregues, em grande solenidade, pelo Cônsul Geral da República Federal em Curitiba, Rolando Zimmermann.

Em 1970, Ferreira da Silva foi eleito para a Academia Catarinense de Letras, tomando posse da cadeira nº 4. Anteriormente já havia sido, também, eleito Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

A secretaria do Governo do Estado, pelo seu Departamento de Cultura lhe conferiu diploma de reconhecimento pelos serviços que presta com a publicação de «Blumenau em Cadernos».

Ferreira da Silva foi, também, sócio honorário da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes, da Sociedade Recreativa e Desportiva Dr. Blumenau, do círculo de Orquidófilos de Blumenau e de outras. É o decano dos radialistas de Santa Catarina, pois foi durante muito tempo, o primeiro locutor da PRC-4, a pioneira da radiodifusão de Santa Catarina, pois foi durante muito tempo um dos mais antigos jornalistas do estado.

José Ferreira da Silva tem um total de 20 obras publicadas. «O Padre Jacobs», foi sua primeira obra e a que se seguiu: «A colonização do Vale do Itajaí», «O Doutor Blumenau» (duas edições), «Calendário Blumenauense», «Fritz Müller», «Blumenau», «Relatório do Prefeito», «Anita Garibaldi», «O Catolicismo em Blumenau», «Colônias Para o Brasil», «História de Blumenau», «História do Município da Penha», «As Terras do Itajaí Mirim e Vasconcelos Drummond», «Itajaí, a Fundação e o Fundador», «Terra Catarinense», «Cronografia do Dr. Blumenau», «Blumenau-Pequeno Guia Turístico», «A Bandeira do Brasil» e «Otaviano Ramos».

Ferreira da Silva fez também duas traduções: «Dança Macabra» e «Viagens Pelas Colônias Alemãs da Província de Santa Catarina», tendo outras obras inéditas, tais como; «Descendo o São Francisco», «A Imprensa em Blumenau», «Os Monumentos de Blumenau» e «Chega de Enchentes».

# ACADEMICO PROFESSOR JOSÉ FERREIRA DA SILVA

(IN MEMORIAN)

GUSTAVO KONDER

Em 30 de dezembro de 1973 desapareceu da face da terra, o ilustre professor José Ferreira da Silva, vitimado por um lamentável acidente automobilístico. A sua morte deixou uma enorme lacuna, dificilmente a ser preenchida nos meios intelectuais de Santa Catarina, especialmente na cidade de Blumenau - sua eterna namorada.

Era o único biografador do Dr. Hermann Blumenau, do sábio Dr. Fritz Mueller, do admirado e enérgico Padre José Maria Jacobs e, principalmente, dos primeiros colonizadores.

Foi professor, tabelião, advogado provisionado, vereador e prefeito municipal de Blumenau nos anos de 1938/41. Mas, a sua tendência especial era o jornalismo, ao qual dedicou a sua magnífica inteligência, catando pacientemente os fatos históricos na poeira do passado, quando resolveu fundar e dirigir com todo carinho, por mais de 12 anos, a famosa revista mensal «Blumenau em Cadernos», na qual reverenciava e lembrava os feitos históricos e os sacrifícios inauditos dos corajosos e sofredores pioneiros desaparecidos.

O saudoso professor José Ferreira da Silva era o único brasileiro nato a compreender a expressão e a tradição dos colonos teutos do Vale do Itajaí, infelizmente tão perseguido e repudiados pelos nacionalistas de visão oblíqua. . .

Desde 1926, fomos companheiros de «lutas e de vitórias», conforme se expressou o próprio professor José Ferreira, na dedicatória á mim dirigida em seu ultimo livro «História de Blumenau», destinado á minha modesta biblioteca. Apesar de ter havia algumas divergências entre nós, respeitavamos-nos mutuamente, para não interromper a nossa velha e sólida amizade.

O desaparecido intelectual admirava, sinceramente, o meu inesquecível pai - Marcos Konder. Entre os seus inumeros escritos, publicou em seu ultimo livro, o seguinte têor: - «Marcos Konder, de gloriosa memória, foi dos intelectuais do Vale do Itajaí um dos mais prolíferos. Sua obra era quasi toda redigida em vernáculo. Mas escrevia em alemão, idioma que versava com bastante correção. A sua «Pequena Patria» é um livrinho todo ele feito de afeto á sua terra natal que amou entranhadamente. A memória do insigne itajaíense, Lauro Mueller, mereceu de sua pena uma das melhores, senão a melhor das biografias do grande chanceler brasileiro».

Além das suas muliplas atividades espirituais, o professor Ferreira, como presidente do «Teatro Carlos Gomes», antigamente «Froh-sinn», escreveu e encenou com grande sucesso a ópera «Anita Garibaldi» e o ciclo de «O imigran-

te», musicados pelo grande maestro e compositor alemão Sr. Heinz Geyer, radicado há mais de 50 anos no Brasil, ou seja, em Blumenau.

Convidado pelo então prefeito Hercílio Deeke, o ilustre professor José Ferreira da Silva assumiu em 1962 a fundação e a direção da bibliotéca pública «Dr. Fritz Mueller», que contava, com apenas 3 mil livros, e, nesse meio tempo, prestigiado por dedicados prefeitos, construiu o novo prédio e imprimiu tal desenvolvimento a bibliotéca que hoje conta com um acervo de mais de 50 mil livros; portanto a maior do Estado. Também organizou e dirigiu, com muito zelo, o «Museu da família Colonial» e o poetico «Parque Botânico Edith Gaertner», onde, nos fundos, entre as grandes arvores, conservou e ornamentou o tão comentado «cemitério dos gatos» de estimação, da doadora Edith Gaertner, de saudosa memória.

Em 1970, por insistência de meu velho e saudoso amigo professor José Ferreira da Silva, colaborei timidamente para a revista «Blumenau em Cadernos» com a minha primeira crônica biografia «Gustavo Hacklaender», o memorável comandante do vapor «Blumenau». Quando entreguei-lhe o meu desprezioso labor, pedi-lhe

para lê-lo antes, para ver si gramaticamente estaria perfeito (em virtude do meu defeito auditivo). No dia seguinte, recebi um bilhete com os seguintes dizeres: - «Ótimo, meus parabens. Vai ser publicado no proximo mês. Continue escrevendo. «E, encorajado por ele, continuei a escrever as minhas despreziosas crônicas.

O professor José Ferreira, juntamente com o saudoso industrial João Medeiros Junior, instalaram a primeira estação de rádio difusão no Estado de S. Catarina.

A PRC-4-Rádio Clube de Blumenau. Estive presente à sua inauguração. Foi ele o seu primeiro locutor.

Recentemente foi condecorado pelo consul da Alemanha Ocidental, em Curitiba, com a cruz de mérito, concedida pelo governo da Alemanha, recebendo como prêmio uma viagem aquele país e onde visitou a sepultura do seu biografado - Dr. Hermann Blumenau, o vigoroso colonizador do rico e maravilhoso Vale do Itajaí.

Assim, o emitente e inesquecível historiador, Sr. José Ferreira da Silva, mergulhou no eterno sono da noite que não tem horas...

Paz à sua alma! .

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da Fundação CASA DR. BLUMENAU

DIREÇÃO: F. C. ALLENDE

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 12,00 —

CAIXA POSTAL, 425 — 89100 - BLUMENAU — SANTA CATARINA - BRASIL

# O Resultado da Vida

Blumenau perdeu grande vulto de sua história moderna com o passamento do professor José Ferreira da Silva, um homem inteiramente devotado ao trabalho no qual acreditava e voltado aos estudos e pesquisas de sua preferencia, que eram sua razão de ser. Ele era um estudioso por excelencia e cultor da verdade e da justiça.

Ao longo de sua vida pública deixou marcas indeléveis de seu caráter e de sua ampla capacidade de ação. Até quando pôde, manteve-se no exercício pleno de atividades, as quais ele considerava como um prolongamento de sua existencia, não havendo assim necessidade de demarcação de tempo tanto para iniciá-la como para encerrá-la.

Como todo homem voltado aos livros, era um cidadão simples, modesto, benquisto e sem pretensões que não aquelas de cumprir com o dever para o qual fôra escalado. Não necessitava de adornos e vaidades, porque a ele bastava sua própria personalidade e saber. Adotou uma linha muito certa ao longo da existencia que teve: em tempo algum desejou chamar a si o fêcho da publicidade e do destaque de laboratório, que são artificios daqueles que não logram obter o respeito de seus cidadãos apenas pelo que eles representam em si mesmos.

Sua maior preocupação foi deixar para a vida, que prossegue inexoravelmente, alguma coisa que fôsse de utilidade para o futuro e fizesse justiça ao passado da terra que ele aprendeu a amar. A história da colonização alemã na região do Vale do Itajaí foi por ele narrada em diversos aspectos e sempre com profundidade. Em todos os seus escritos percebe-se claramente a imparcialidade no relato e a isenção de ânimo nas conclusões que raciocínio vez por outra obrigavam-no fazer.

Um historiador de fato e em ponto grande para o trabalho a que se propôs. Ensinou o povo de sua região a amar a História e cultivar as tradições. Sempre mostrou o imigrante como um irmão de boa vontade a colaborar em solo também seu e também pátrio.

Por muitos anos estabeleceu o elo da corrente nas relações entre nacionais e cidadãos de outras terras. Obteve com êxito a amálgama de que tanto precisávamos. Fêz-se merecedor, de ambas as partes, do carinho, do respeito e do aplauso.

Doou por todo tempo sua vida a essa tarefa de grande sentido social. Foi um humanista de seu mundo e época.

Na vida pública deu exemplos puros e cristalinos de responsabilidade e coerencia e em sua trajetória nunca conheceu desvios. Uma

vida bem vivida que a ele satisfez. Seus amigos consideravam-no um exemplo a seguir. E agora que ele se foi talvez tenha chegado o momento de utilizar-se os conhecimentos assimilados e digeridos.

Sem hesitações nem titubeios tornou-se um vitorioso em si mesmo. Até a hora final foi sempre ele — nunca a sombra de ninguém. E é o quanto basta, como dever cumprido, para um homem-inteligência.

Sempre foi avêso aos elogios desmedidos e bombásticos. Repeli-os respeitosamente. E daqui, então, nesta última mensagem a tudo que ele deixou, respeita-se a vontade maior.

Foi uma perda irreparável para quem tem senso de percepção. Mas, afinal, o que é a morte, se não o resultado da vida?

— Editorial do jornal «A NAÇÃO», de Blumenau, edição de 1º de janeiro de 1974, página 1.

## UMA LUZ QUE SE APAGA

ARNALDO BRANDÃO

Pessoalmente, pouco conhecia José Ferreira da Silva. Certa vez, viajamos no mesmo ônibus Blumenau a Itajaí. Demo-nos a conhecer. Surpresa para ambos. Entretanto, através de cartas, revistas, livros ou jornais, grande era a nossa aproximação. Discutimos, conversamos, trocamos ideias, sugestões, tudo através de uma intensa correspondência.

Mensalmente recebia os seus «Cadernos de Blumenau». Em algumas vezes, encontrava trabalhos meus aproveitados. Ele próprio me atraía repetidamente para que fizesse parte de sua revista. Dizia que era uma publicação muito lida e espalhada pelo país inteiro, onde poderia ser mais apreciado e dar amplitude muito mais intensa aos meus trabalhos. Entretanto não me comprometia com ele. Esporadicamente enviava-lhe alguma coisa. Da última vez, remeti o artigo so-

bre «Henrique Fontes o Notável Itajaiense» que ele prontamente transcreveu do Jornal do Povo.

Tenho em minha gaveta de trabalho, muitos «Cadernos» guardados para um dia serem encadernados. Agora, mais do que dantes minha atenção será voltada para eles, uma vez que periga a continuação. São «Cadernos» preciosos que muito nos contam da colonização alemã em nosso vale. Colaborações valiosíssimas que José Ferreira ia buscar não se sabe onde. Consegui-as, através de bons conhecimentos, de contatos com famílias antigas; apanhava em seu eterno pesquisar, documentos ou fragmentos de passagens históricas. Dono de um acervo invejável de tais elementos ia-os gradativamente dando aos leitores, através de publicações periódicas.

Era sempre um constantedesfilar de vultos remanescentes dos

pioneiros que edificaram Gaspar, Rio do Sul, São Bento, Joinville, Itajaí e sobretudo Blumenau. Ia mais além em suas incursões chegando às origens açorianas do litoral ou transcrevendo páginas do início da Ilha do Desterro.

O Grande José Ferreira da Silva, um dos homens que mais fez por Blumenau a cidade que escolhera para toda a sua vida. Através dele é que conhecemos sua história. Ele é quem levará para o futuro o nome daquela plêiade de colonos que vieram da Alemanha para o Brasil, em busca de aventura. Homens que plantaram em nossa terra o marco de uma civilização que hoje se tornou paradigma. É José Ferreira da Silva que nos traz, através de seus escritos, a história fantástica do sábio Fritz Müller, verdadeira glória de nossa civilização. Também foi ele, quem fez do Dr. Blumenau não só o fundador de uma cidade, hoje tida como uma das mais prósperas do país, mas o homem inteligente que soube fazer daquela terra de verdes florestas, o município fecundo que orgulha a todos nós.

Enterrou-se no último dia do ano, e muitas pessoas quando se preparavam para o reveillon daí a pouco, foi que tomaram conhecimento de sua morte, através da televisão. Incluo-me no meio desses. Vou a Blumenau, alguns dias depois e encontro a cidade festivamente ornamentada para as festas de Natal. Impossível falar-se de tristeza em ambiente tão alegre. Mas havia uma tarja em tudo aquilo. A realidade era pungente. Por sob aqueles arcos e adornos de Natal passara o esquife de José Ferreira da Silva a caminho de sua última morada, naquela terra que

tanto amou e que a ajudou a ser grande, através de sua pena maravilhosa, de seu cérebro privilegiado.

Em contacto com o Professor Alvaro que além de Vereador é também promotor de programas da Rádio Nereu Ramos, fico sabendo dos últimos dias do pranteado historiador. Péde-me que diga algumas palavras, em homenagem ao colega da Academia Catarinense de Letras. Também me liga gravador e me faz escutar a entrevista do secretário de José Ferreira da Silva, a pessoa que maior contato mantinha com ele, portanto, quem melhor nos poderia retratar essa figura portentosa que pertencera à história de Blumenau, qual uma fulgurante estrela abrilhar em seu firmamento infinitamente.

Soube então que além da literatura, dos jornais, de sua vida intelectual, José Ferreira encontrava tempo ainda para amar aos pássaros, inumeros canários que com ele conviviam em suas gaiolas prateadas, dispersos pelas salas da Biblioteca Fritz Müller, alegrando o ambiente em que o historiador passava a maior parte do dia.

Ressaltaram-me seu lado humano, lembrando o último gesto, em que demonstra sua preocupação para com os outros. Uma senhora que não encontrava condução para retornar a casa de Itoupava, José Ferreira manda que seu chofer a leve em casa, antes de partir para Curitiba, e quem sabe, não fôra essa meia hora de atraso, que iria jogá-lo de encontro ao caminhão assassino? Mas o que fazer, se assim rezavam as Escrituras. . . .

# Jaconianni, o Mágico

C. GAERTNER

Fidelis Jaconianni residiu na cidade de Porto União da Vitória, na rua Prudente, onde tinha uma relojoaria e oficina de consertos. Italiano, hipnotizador e ilusionista, de gênio alegre e folgazão, divertia-se aplicando nos incautos seus truques de habilíssima prestidigitação. - De uma feita, em companhia de um amigo, desembarcou na Estação Dorizon para certo negócio. Na qual estava uma senhora polonesa, vendedora de ovos. Já ia de retirada quando Jaconianni, de bom humor resolveu divertir o companheiro:

- Madama, venda-me uma dúzia de ovos.

Prontamente a senhora entregou-lhe a dúzia pedida recebendo um níquel de duzentos réis em pagamento. Jaconianni abaixou-se junto a uma grande pedra, sob as vistas da colona, e começou a quebrar ovo por ovo, remexendo as gemas com o polegar e o indicador, delas extraindo belas libras esterlinas de ouro! Terminada a quebra:

- Madama, mais duas dúzias!

- Não! Não! - diz a colona cobiçosa, lembrando-se imediatamente da velha história da galinha dos ovos de ouro. Resto, vendido!

E tratou de afastar-se tomando a estrada que a conduziria ao seu sitio. Jaconianni e o amigo seguiram-na discretamente. Ao encontrar umas moitas espessas que bordejavam o caminho, a polonesa não suportou mais. Olha para todos os lados e, não vendo ninguém, penetra no mato. Quando os dois a alcançaram, estava quebrando os últimos ovos e remexendo nervosamente gemas! É claro que não conseguiu nenhuma libra esterlina! Mas Jaconianni, de bons sentimentos, deu-lhe uma prata de mil réis, indenizando-a, principescamente, do logro e dos ovos quebrados.

Na mesma viagens toparam com um colono polonês que trazia pelo cabresto um velho cavalo.

- Bom dia «panhe»! Quanto quer pelo cavalo? perguntou Jaconianni.

- Quanto senhor pagar?

- Com cabresto e tudo, cem mil réis!

O colono pasmou com o alto preço oferecido e tratou de aceitá-lo de imediato, antes que o comprador examinasse melhor o velho senheiro e se arrependesse da oferta.

Jaconianni puxa a carteira e tira dela uma bela nota, verde e novinha, de cem mil réis. O colono recebe-a, embolsa, entrega o cavalo

e despede-se apressado, satisfeitíssimo com o belo negócio que fizera. Mas, na primeira curva da estrada, não pôde resistir à tentação de lançar mais um amoroso olhar àquela bela nota que caíra do céu. Abre a carteira. Oh! dentro dela encontrava apenas um pedaço de papel, daquele usado nos maços de fósforos! Quase desmaia com a ilusão desfeita! Sente-se embrulhado e roubado, e volta depressa para a vila, pensando no que o delegado iria dizer, pois não tinha provas. Mas, teve sorte: encontrou os dois amigos e o cavalo ainda no mesmo lugar onde fechara o negócio!

- Senhor! Senhor se enganar! Este não dinheiro! Papel!

- O quê? diz Jaconianni. - Arrependeu-se do negócio? Eu também! Vamos desmanchar! Passe o meu «dinheiro» e leve o seu cavalo!

E se foram, ambos rindo com o desapontamento do «panhe»!

Jaconianni estava em Porto União em 1914, quando Carlos Cavalcanti, Presidente do Estado Paraná, visitou aquela cidade. - As forças políticas resolveram ampliar as festividades da recepção, organizando uma sessão teatral a cargo do professor ilusionista Cavaliere Fidelis Jaconianni, que, diga-se de passagem, foi magnífica e muitíssimo aplaudida. - Terminada a função, Carlos Cavalcanti quis falar ao ilusionista. Felicitou-o pelo brilhante programa e seus números inéditos e insistiu para que fosse a Curitiba exhibir sua arte, prometendo prestigiar todas as sessões com a sua presença.

Outra decorrência dessa sessão teatral foi ser procurado pelo capitão João Teixeira de Mattos Costa, militar de nobre coração, que tentava por todos os meios uma solução pacífica para o problema dos jagunços, levando em consideração o abandono e o atraso em que viviam essas populações sertanejas, esquecidas dos governos contestantes, exploradas e expoliadas pelos coronéis e pelos mercadores desonestos. - Ele próprio, a paisana, em companhia de um vaqueano, disfarçado como vendedor ambulante, perambulou pela região conseguindo falar com muitos jagunços, expondo-lhes com clareza a realidade da situação em que se encontravam. Percorreu o vale do Timbó até ao rio Tamanduá, onde estava situado o reduto do Bom Sossêgo. Mas, como desconfiassem dele, teve uma fuga acidentada, com o seu companheiro José dos Santos. Mais tarde mandou a esse reduto dois emissários, Boaventura e Bertoldo, que conseguiram falar com Elias Moraes em nome do capitão, e trouxeram as condições para a deposição das armas: a liquidação de Afonso Camargo e dos «coronéis» Artur de Paula, Fabricio Vieira, Chico Albuquerque, Amazonas Marcondes, Pedro Vieira, do vaqueano Pedro Ruivo e dos comerciantes irmãos Michinikowski, bem como «a restituição da vida das mulheres e crianças que foram mortas pelas forças do governo no ataque a Taquaruçu».

Apesar dessas condições importarem numa redonda negativa, Mattos Costa continuou nos seus esforços. Como Jaconianni passa-se a ser seu companheiro de passeios, procurou induzi-lo a ir ao reduto e lá aplicar a sua arte de ilusionista e hipnotizador para conseguir que depusessem armas e regressassem ao trabalho pacífico, recebendo terras do governo e apoio financeiro para cultivá-las.

Mas Jaconianni não se arriscou. Era bem conhecido, até de muitos jagunços. Além disso, era simples fazer uma sessão teatral para divertir o Presidente, mas era empreitada muito perigosa meter-se no meio dos caboclos crús e xucros, onde um passo em falso significaria a morte.

Assim, desde Frei Rogerio, benzedor Damo Padilha, deputado Correia Defreitas, Frei Lechner, vaqueanos Bertoldo e Boaventura, todas as tentativas para uma acomodação pacífica fracassaram. Depois de Correia Defreitas, a atitude do caboclo tornou-se dura e irreversível devido ao tremendo erro cometido com o bombardeio de Taquaruçu, um reduto de mulheres e crianças, pois as tropas fanáticas combatentes já se tinham tranferido para Caraquatá, deixando em Taquaruçu menos de 200 homens e mais de 600 mulheres e crianças, segundo cálculo de Rocha Tico. Os cento e cinquenta schrapnéis lançados sobre o reduto fizeram uma horrenda e medonha carnificina, estraçalhando mais de 90 pessoas, entre mulheres, crianças e homens, enquanto que as forças atacantes tiveram apenas 1 morto e 3 feridos!

Até aquele infausto dia, 8 de fevereiro de 1914, os jagunços respeitavam as mulheres e crianças. Os que não queriam ser «reduzidos», isto é, levados para os redutos, abandonavam as casas, emigrando, e lá deixavam confiadamente suas mulheres e filhos, certos de que a fidalguia inata do nosso caboclo os respeitaria como seres fracos e indefesos.

Depois de Taquaruçu ficou a tristeza, a amargura, o luto, o ódio e o desejo de vingança, estabelecendo-se o retaliamento de olho por olho. e dente por dente.

Jaconianni teve, pois, razão em não aceitar a incumbência que lhe propôs o nobre, desditoso e incompreendido capitão Mattos Costa.

Eis um bosquejo rápido da figura do «mágico italiano» ou do «fotografo e mágico Jaconianni» citado de leve pelos autores que trataram exaustivamente da campanha do Contestado.

Quando mais tarde li Dumas, afigurei o Conde de Cagliostro pelo mágico Fidelis Jaconianni. Guardo dele, além da lembrança, um método ingles de Bensabat, com o seu carimbo.



**A** Colônia de Angelina foi fundada pelo Presidente Araújo Brusque, autorizado por aviso do Ministério do Império de 30 de novembro de 1859. As medições dos primeiros lotes foram feitas pelo agrimensor Carlos Oto Schlappal, no lugar então denominado Mundéus. A Colônia progrediu muito lentamente. A princípio os colonos foram exclusivamente nacionais, aos quais, mais tarde, vieram se juntar imigrantes estrangeiros e filhos destes estabelecidos em outras colônias da Província.

# O Zelo dos Dinheiros Públicos

Dos «Alfarrábios» de José Mendes da Costa Rodrigues

O zelo da maioria ministerial pelos dinheiros da Nação: em sessão do dia 15 de julho de 1941, na Câmara dos Deputados, discussão do Orçamento do Império. «O sr. Presidente: Obras Públicas, 113 contos. Os senhores que aprovam queiram se levantar. A maioria levantou-se, e aprova os 113 contos. O senhor Presidente: Senhores, enganai-me trocando as rubricas; não são 113 contos de réis que pede o Ministro, mas unicamente 45 contos de réis. Por isso retificarei a votação Obras Públicas, 45 contos de réis. Os senhores que aprovam queiram levantar-se. A maioria levanta-se e aprova.

Isso de certo fará rir a muita gente. No entanto que a mim só me faz chorar.

Na Vila de São Miguel, no tempo que Amâncio José Ferreira era secretário da Câmara Municipal, escreveu no livro uma ata es-

trambólica que foi assinada sem reparo nem observação pelos vereadores: «Ata da sessão da Câmara Municipal do dia . . . de . . . do ano de . . . . . Presentes os senhores Vereadores Fulano, Fulano, etc. O senhor Presidente declarou aberta a sessão, e como os senhores Vereadores estavam embriagados, por isso levantou a sessão, designando o dia . . . para outra sessão. Eu, F. secretário que a escrevi. Assinaturas dos Vereadores.

Em Camboriú, o escrivão do Juízo de Paz, João Apolinário, mandando um requerimento ao Juiz com a cópia do despacho que este devia proferir. O Juiz copiou, escrevendo no requerimento às avessas, isto é, de pernas para o ar.

Para comemorar fatos desta ordem, seria um nunca acabar. Tal tem sido a indiferença que a maior parte dos homens tem prestado ao público serviço do país.

\* \* \* \*

POR MOTIVOS alheios a nossa vontade, somos forçados a, nesta edição, enfeixar dois números em um só caderno, procurando, assim, pôr em dia a normal circulação de BLUMENAU EM CADERNOS. Aos nossos leitores, pedimos excusas e a devida compreensão.

EM SUBSTITUIÇÃO ao Rdmo. Frei Bernardo Oeschler, que durante seis anos foi Vigário, na Igreja de São Paulo Apóstolo, em Blumenau, assumiu o cargo de Vigário, Frei Augusto Koenig, que já vinha exercendo o cargo de coadjutor da paróquia. Frei Augusto é natural de São Bento do Sul, neste Estado.

# Da Casa do Artista de Blumenau

Recebemos a seguinte carta circular:

Fruto do ideal de indivíduos que realmente dão valor à arte, nasceu nesta cidade a Casa do Artista de Blumenau.

Esta entidade, fundada em 16 de janeiro de 1974, tem por finalidade o desenvolvimento e o aprimoramento das artes em geral, notadamente das artes plásticas; manter em exposição e venda trabalhos artísticos dos associados; realizar conferências; concertos; seminários; editar boletins e manter uma Biblioteca especializada para apreciação e debates de assuntos artístico-culturais.

Sua primeira diretoria está assim constituída:

Presidente . . . . . Guido Heuer  
Vice-Presidente . . . Rubens Oestroem  
Secretário . . . . . Carlos de Freitas  
Tesoureira . . . . . Kátia Schmidt Fonseca  
CONSELHO FISCAL Francisco Canola Teixeira  
José Valdir Floriani  
Vilson do Nascimento

Visto ser uma entidade de fins culturais, com consequentes benefícios para Blumenau, solicitamos seu apoio em forma de divulgação, de participação como associado ou puramente expectador, contribuindo para que nossa cidade abrigue mais uma sociedade com fins instrutivos.

A Casa do Artista, com sede e fôro em Blumenau, está situada no Bairro da Ponta Aguda, primeira casa depois da ponte que liga este Bairro à Avenida Beira-Rio.

Certos de seu apoio, externamos desde já os nossos mais sinceros agradecimentos.

Blumenau, 22 de fevereiro de 1974

Guido Heuer  
Presidente

Carlos de Freitas  
Secretário

# Electro Aço Altona S.A.

Rua Eng<sup>o</sup> Paul Werner, 925 - Fones: 22-0422 e 22-0738  
Caixa Postal, 30 — Telegrs.: «ELAÇO»

## BLUMENAU

Fundição Elétrica de Aços Comuns e Especiais Para:

Indústrias Automobilísticas

Fábrica de Cimento

Companhias de Dragagem

Fábricas de Máquinas

Equipamentos de Britagem,  
de Terraplenagem,

Reposição de Manutenção.

Batalhões Rodo-Ferrovários

Fábrica de Tratores

### DESDE 1933

A PROCEDÊNCIA GARANTE A QUALIDADE

Companhia Industrial Schlösser S/A.

Avenida Getúlio Vargas, 151 — Cx. Postal, 17 — Fone, 1178  
BRUSQUE — SC



FABRICAM:

Fios de Algodão,

Brins,

Tecidos lisos,

Xadrêses

Jacquard de algodão,

Toalhas felpudas de banho,

Rosto e panos de copa

(Impresso na Tipografia Centenário de Timbó Ltda.)